

O futebol feminino carioca nas páginas do *Jornal dos Sports* e *Jornal do Brasil* (1970-1983)¹

Leda Maria da Costa²
Victor Affonso de Sa Silva³

Resumo: Este trabalho pretende fazer uma breve análise de inscrições midiáticas da memória que foram produzidas a respeito da participação das mulheres no futebol do Rio de Janeiro durante a década de 1970 até o ano de 1983. Para cumprir esse objetivo, serão realizadas coleta e análise das narrativas a respeito da prática do futebol feminino no Rio de Janeiro produzidas pelos seguintes jornais: *Jornal do Brasil* e *Jornal dos Sports*, sendo o primeiro um tradicional jornal de circulação nacional e o segundo, um dos mais importantes periódicos esportivos da história do país. O recorte temporal será referente à década de 1970 até 1983, ano da realização do primeiro campeonato carioca feminino de futebol. Esse período abarca momentos significativos da trajetória do futebol de mulheres no Brasil já que compreende os últimos anos de sua proibição, assim como os primeiros anos de sua regulamentação.

Palavra-chave: Futebol feminino; Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*, *Jornal dos Sports*

Introdução

Em 2027, o Brasil será sede da décima edição da Copa do Mundo Feminina de Futebol, organizado pela Federação Internacional de Futebol (FIFA). Trata-se de um momento histórico para o futebol feminino, no Brasil, que durante anos enfrentou diversos obstáculos para manter-se vivo. A referida modalidade foi proibida por lei, no Brasil de 1941 a 1979, sendo institucionalmente aceita pela Confederação Brasileira de Futebol, somente em 1983. Pelas páginas da imprensa esportiva é possível acompanhar parte da trajetória do futebol feminino no Brasil e as formas pelos quais o corpo da mulher esportiva foi representado por importantes veículos de comunicação. A relação entre mídia e futebol das mulheres é assunto que mereceu atenção de alguns importantes trabalhos acadêmicos. Diversos estudos mostram o quanto as narrativas midiáticas fizeram uso de estereótipos para a representação da mulher atuando nos gramados de futebol, perpetuando, dessa forma, preconceitos que dificultaram demasiadamente o

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora adjunta da Faculdade de Comunicação Social, Departamento de Teoria da Comunicação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro;

³ Graduando do curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Bolsista PIBIC-UERJ.

desenvolvimento da modalidade ao estereotipar ou mesmo invisibilizar a presença das mulheres no âmbito futebolístico⁴.

Certamente que esse processo não foi de responsabilidade exclusiva dos meios de comunicação, já que é necessário considerar que mídia e sociedade não podem ser entendidas como campos autônomos (HELAL, 1998). É possível perceber que, se por um lado é notável a existência de discursos conservadores, por outro é de se considerar que a circulação de notícias a respeito do futebol feminino, praticado dentro e fora do Brasil, foi importante para fomentar imaginários, representatividade e ações relevantes para que essa modalidade esportiva permanecesse viva. Esse aspecto é evidenciado na década de 1970 até os primeiros da década de 1980, momento fundamental para a história do futebol de mulheres no Brasil (COSTA, 2017). Nessa época, em importantes jornais, é possível vermos notícias e imagens de mulheres que jogavam futebol nas areias das praias do Rio de Janeiro e em diversos campos do país. Imagens que repercutiam, fomentavam polêmicas, discussões e reivindicações do direito de as mulheres jogarem profissionalmente o esporte mais popular do país.

Foi nesse ano que aconteceu o Campeonato Carioca Feminino de Futebol, a primeira competição oficial da qual mulheres puderam participar sem o risco de serem punidas. Essa competição foi composta por doze equipes que construíram um relevante capítulo do futebol brasileiro cuja trajetória este artigo buscará resgatar. Esse resgate parte da tentativa de trazer à cena um pouco da história e memória da presença das mulheres no esporte mais popular do Brasil tendo como recorte temporal os anos de 1970 até 1983. Recorremos a cobertura dessa competição feita pelo *Jornal do Brasil* e *Jornal dos Sports* dois relevantes veículos de comunicação da época. Para essa pesquisa realizamos uma busca na Hemeroteca Digital Brasileira, recorrendo à palavra-chave “futebol feminino”.

As mulheres podem jogar futebol?

Nas décadas de 1970 e 1980, o futebol de mulheres foi matéria frequentemente abordada em alguns meios de comunicação do Rio de Janeiro, cidade que viu um crescimento dessa modalidade, especialmente, entre a juventude (BRHUNS, 2000). É no

⁴ Destacam-se as seguintes produções: GOELLNER, S. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. Revista Brasileira de Educação Física, v. 19, n. 2, São Paulo, 2005; MOURÃO, Ludmila; MOREL, Marcia. As narrativas sobre o futebol feminino. Revista Brasileira de Ciência e Esporte, Campinas, v. 26, n. 2, pp. 73-86, jan. 2005; RIAL, Carmen. El invisible (y victorioso) fútbol practicado por mujeres en Brasil. In: Nueva Sociedad, n. 248, pp. 115-126, 2013

Rio de Janeiro que surge o Radar que foi fundado em 1932 e que, em 1981, formou uma equipe feminina, sendo ela a mais exitosa da década de 1980⁵. Desse clube vieram as jogadoras que formaram a base da primeira seleção brasileira feminina de futebol, em 1986, e que teve papel importante na divulgação e legitimação da prática desse esporte por mulheres. Nos anos de 1970, notícias vindas da Europa despertam atenção da imprensa carioca. Em 1970, entre os dias 06 e 17 de julho, realizou-se na Itália o primeiro Campeonato de Futebol Feminino que contou com a participação da seleção da casa, Dinamarca, Alemanha, Inglaterra, Áustria, Checoslováquia, Suíça e México (COSTA, 2020). A competição foi apoiada pela Federação Internacional do Futebol Europeu Feminino (FIEFF) e teve como campeã a Dinamarca. O jornal *O Globo* noticiou a vitória final da seleção dinamarquesa enfatizando que “o certame inovador de pioneiras foi um sucesso” (16/07/1970). No ano seguinte, foi a vez do México sediar aquele mesmo torneio cuja final foi realizada em um Estádio Azteca lotado (ESQUEDA; GUNTÚS, 2010). Diferentemente de 1970, os jornais do Rio deram razoável atenção a esse mundial. A partida de abertura do campeonato foi noticiada por *O Globo* como um jogo que “supreendentemente atraía um público de 80 mil espectadores” (16/08/1971). Esse mesmo destaque foi dado pelo *Jornal dos Sports* que ao anunciar a partida entre México e Argentina destaca: “multidão vê futebol de mulheres” (16/08/1971).

No Brasil, é válido mencionar que na década de 1970, as mulheres foram personagens ativas do espaço público, tendo sua participação aumentada nas universidades e nos empregos formais. Trata-se do momento denominado, por alguns estudiosos, como a “segunda onda”⁶ do feminismo na América Latina que, mesmo influenciado pelo movimento dos EUA e Europa, mostrava especificidades quanto ao contexto político de ditadura militar. Foi nessa década que se viu a crescente organização dos chamados grupos de reflexão que reuniam mulheres em lugares variados da cidade,

⁵ Sobre o Clube Radar, ver: ALMEIDA, Caroline Soares. “Boas de Bola”: Um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980, pp.151. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

⁶ Autoras como Celia Regina Pinto entendem que o feminismo no Brasil se configurou em três grandes momentos (ou ondas). De modo breve, o primeiro teria se expressado na luta por direitos políticos como o voto. O segundo momento teria surgido durante o clima político do regime militar no início dos anos 1970. E a terceira refere-se à forte participação das mulheres brasileiras em todo o processo de redemocratização e na construção daquilo que Pinto identifica como uma espécie de “feminismo difuso” e com maior ênfase sobre processos de institucionalização e discussão das diferenças existentes entre as próprias mulheres, quando surge então o conceito de interseccionalidade. Sobre essa questão ver HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Pensamento Feminista. Conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro, Bazar do tempo, 2018.

objetivando a discussão de problemas como o machismo e outras formas de opressão sofridas por mulheres. É notável nessa época, a criação de periódicos abertamente vinculados ao movimento feminista como é o caso do *Jornal Mulher*, *Nós Mulheres* e *Mulherio* (PEDRO, 2012). O jornal *Mulherio*, por exemplo, divulgou diversos jogos de futebol de mulheres, muitos dos quais organizados como forma de manifestação de apoio à legalização do esporte (ALMEIDA, 2013). Alguns desses jogos contavam com a presença de ativistas como foi o caso de Ruth Escobar que organizou uma partida de mulheres como parte integrante do I Festival de Mulheres nas Artes realizado no Morumbi em 1982.

O direito de jogar futebol foi assunto em tradicionais veículos de comunicação. Motivado pelo II Campeonato Mundial Feminino, o *Jornal do Brasil* fez uma longa matéria intitulada “O jogo proibido” (*Jornal do Brasil*, 10/08/1971, p. 5), publicado no Caderno B, o que dá mostras de que a questão do futebol feminino ultrapassava a esfera esportiva, sendo abordada em um respeitado caderno cultural⁷. Nessa reportagem, é entrevistada a jogadora de futebol Vera Lucia Assunção, conhecida como Verinha, que conta sobre seu cotidiano de atleta e explica que o futebol poderia ser praticado por mulheres, pois “todo esporte é violento, o próprio basquete é mais perigoso que o futebol” (*Jornal do Brasil*, 10/08/1971, p. 5). Opinião contrária à de Lídio Toledo, médico da seleção, que afirma que “psicologicamente o estado de espírito feminino não se adaptaria às exigências requeridas pelo jogo” (*Jornal do Brasil*, 10/08/1971, p. 5). Nas falas de Lídio Toledo evidencia-se a continuidade dos argumentos médicos que ajudaram a fundamentar a proibição do futebol feminino na década de 1940 (GOELLNER, 2003). Porém, desta vez, esse tipo de opinião não consegue deter a expansão da prática do futebol por mulheres que, mais uma vez, vira notícia do Caderno B do *Jornal do Brasil*. Em 1974, o periódico publica “A Ofensiva Feminina de dribles e chutes”, mais uma longa matéria sobre o assunto em que se faz referência ao sucesso da modalidade na Europa, em especial, na Alemanha (05/07/1974. p. 8).

⁷ O Caderno B do *Jornal do Brasil* foi lançado em 1960, surgindo em um momento de renovação gráfica pelo qual passou o referido jornal. Entre as décadas de 1960 e 1970, o Caderno B se consolidou como um veículo que investiu na abordagem de acontecimentos culturais relevantes da cidade do Rio de Janeiro. Trata-se de um dos primeiros e mais importantes precursores do jornalismo cultural. Sobre o Caderno B ver: LIMA, Patrícia Ferreira de Souza. Caderno B do *Jornal do Brasil*: trajetória do segundo caderno na imprensa brasileira (1960-85). Tese. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro, 2006, pp.267

Entre o final da década de 1970 e início de 1980, o futebol de areia foi uma modalidade que tinha as mulheres como protagonistas. Essa prática transformou-se numa espécie de moda atraindo adolescentes e jovens que se reuniam e formavam times que atuavam em partidas informais e em competições diversas. Alguns campeonatos passaram a chamar atenção da imprensa e algumas marcas famosas na época, como a American Denin e a Gang, formaram seus times (ALMEIDA, 2013). Em 1981, realizou-se o primeiro torneio de Futebol de Praia Feminino cuja abertura reuniu mais de 2 mil pessoas que assistiram uma série de partidas que definiram os times semifinalistas (JB, 04/10/1981). No ano seguinte, houve a segunda edição do mesmo torneio, dessa vez sob patrocínio da marca Copertone. O evento foi considerado um sucesso, levando mais de 4 mil espectadores à praia de Copacabana (*Jornal do Brasil*, 10/01/1982). O *Jornal dos Sports* se destaca na cobertura dos campeonatos de futebol feminino de areia, sobretudo, os jogos do Radar que, em 1982, passa a ser patrocinado pelos relógios Mondaine. As matérias vinham ilustradas com fotos das equipes, assim como do público presente à praia, tudo cercado de um discurso que enfatizava o sucesso das competições e a habilidade das jogadoras. A matéria publicada no dia 20/03/1983 noticia a realização de uma série de jogos da competição “A Sportiva” organizado pelo Cube Radar. A sequência de partidas, seus respectivos horários e a escalação são mostrados ao lado de uma manchete que dizia “Futebol feminino é atração hoje na praia” (*Jornal dos Sports*, 20/03/1983, p. 10).

Embora o Decreto-Lei de 1941, que proibiu o futebol feminino, tivesse sido revogado em 1979, o Conselho Nacional de Desportos (CND) e a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) não haviam oficializado a prática do futebol por mulheres. As mulheres podiam jogar, organizar equipes, porém, ainda não havia uma lei que regulamentasse a categoria, muito menos uma Federação que a regesse. A CBF não oferecia apoio e chegou mesmo a proibir qualquer disputa entre mulheres dentro dos estádios considerados como oficiais (ALMEIDA, 2013). Porém, as notícias a respeito dos dois mundiais – acima mencionados - e outros torneios realizados fora do Brasil, assim como a atuação de equipes femininas nas areias de Copacabana foram importantes para fazer crescer o tom das vozes favoráveis à profissionalização da modalidade.

O tema continuou a ser explorado pelo *Jornal do Brasil* em matérias que mostravam os pontos favoráveis e desfavoráveis à legalização. O técnico da seleção brasileira masculina de futebol, Telê Santana, foi um dos consultados. Retratado como “conhecido

por suas posições intransigentes e conservadoras” (*Jornal do Brasil*, 31/07/1982), Telê defende o futebol feminino, pois “Tanta gente vem jogando na Zona Sul do Rio principalmente, as praias do Brasil são sempre campo de grandes jogos entre mulheres, por que não tornar o esporte logo regularizado?” (*Jornal do Brasil*, 31/07/1982). Nesse comentário evidencia-se a popularidade do futebol de areia praticado por mulheres e como os jogos nas praias de Copacabana tiveram uma grande repercussão, provocando questionamentos quanto a necessidade de se legalizar o futebol para as mulheres.

Dias antes, o mesmo *Jornal do Brasil*, em longa matéria intitulada “Havelange tenta liberar futebol feminino no CND”, afirma que, o então presidente da Federação Internacional de Futebol (FIFA) – João Havelange -, estava tentando convencer o CND a legalizar o futebol feminino para que, desse modo, o Brasil pudesse participar do mundial que a FIFA idealizava para 1986⁸. As informações a respeito da possibilidade de uma competição mundial de futebol feminino foram o mote principal da matéria “Futebol Feminino rumo à Copa do Mundo” em que se destaca a foto de Pelezinha⁹, uma das mais populares jogadoras do Radar, descrita como dona de “um jeitinho moleque, um drible curto, passes precisos, visão de jogo e a posição de ponta de lança” (*Jornal do Brasil*, 31/10/1982).

O *Jornal dos Sports* posiciona-se claramente a favor da legalização, o que se evidencia em dois editoriais. No primeiro, o jornal levanta uma série de motivos a serem considerados e relaciona a liberação do futebol feminino a uma luta mais ampla do direito das mulheres, pois “se existem condições objetivas para o desenvolvimento do futebol feminino, protelar a sua regulamentação poderá gerar reações justas de caráter feminista contra a CBF. E certamente vitoriosas” (02/10/1982). Seguindo essa mesma linha, em outro momento, o *Jornal dos Sports* tenta demonstrar que os esportes historicamente discriminaram as mulheres, mas que esse cenário estaria mudando, sobretudo, na Europa. Essas mudanças estariam finalmente chegando a nosso país, afinal “Como sempre, o direito da mulher, no Brasil, está chegando um pouco tarde. Mas de qualquer forma, nossos aplausos. Antes tarde do que nunca” (06/08/1982).

Nas páginas de importantes jornais, delineia-se e defende-se a ideia de que o futebol estava deixando de ser um jogo exclusivamente dos homens. Esses jornais fizeram do

⁸ Os jornais consultados davam conta de que haveria um campeonato mundial nos anos 1984, 1985 e 1986. Tratava-se de notícias especulativas que, como se sabe, não se tornaram realidade, afinal o primeiro mundial da FIFA de futebol feminino foi realizado em 1991.

⁹ Apelido da atleta Marilza Martins da Silva

futebol de mulheres tema da moda, estímulo para debates e polêmicas que também precisam ser vistos sob a ótica do uso de recursos que dramatizam a notícia visando a captação de público leitor (NEVEU, 2006). É importante lembrar que, especialmente nos anos de 1980, o futebol de areia e clubes como o Radar vinculavam-se às ideias de beleza, juventude que, por sua vez, atraíam famosas marcas que ofereciam patrocínio e ajudavam a organizar campeonatos. Os jornais fizeram desse fenômeno notícia para ser vendida. A circulação de notícias a respeito do futebol praticado por mulheres dentro e fora do Brasil foi importante para a popularização e legalização da modalidade, fenômenos que tiveram o Rio de Janeiro como cenário importante, especialmente, as areias e o bairro de Copacabana e sua imagem esportiva, multicultural e libertária (VELHO, 1989).

Finalmente, em 1983, o futebol feminino passa a ser legalmente aceito pelo CND e pela CBF, fato noticiado pelo *Jornal dos Sports* que tenta demonstrar que esse feito era inevitável dado o número de equipes formadas e, especialmente, devido à atuação do Clube Radar que segundo o jornal foi diretamente responsável pela oficialização do futebol feminino: “Pode-se considerar como marco inicial do progresso do futebol feminino no Brasil a excursão do Radar à Espanha, em junho do ano passado (*Jornal dos Sports*, 28/03/1983). A exaltação ao clube Radar continua ao longo da matéria, o que era prática comum ao *Jornal dos Sports* que, como já foi dito, deu ampla cobertura aos jogos de praia, especialmente do referido clube.

A liberação da modalidade continuou a ser alvo de discussão e a temática segue sendo aproveitada nas páginas do *Jornal dos Sports* que chega a promover um “júri” formado por médicos, ex-jogador, líder feminista e uma jogadora do Bangu, entre outras personalidades¹⁰. O debate durou duas edições, sendo que na primeira expôs-se os argumentos dos convidados e na segunda veio a decisão final, que como já se podia imaginar seria favorável: “O veredicto: futebol é pra mulher também” (*Jornal dos Sports*, 21/04/83, p. 8). O *Jornal dos Sports*, em alguns momentos, não somente publicava notícias, mas tentava promover o futebol feminino em suas páginas. Esse aspecto é notável, por exemplo, na coluna “Este é seu ídolo” composta pela foto de conhecidos atletas acompanhados de uma breve descrição de dados pessoais como nome, estado civil,

¹⁰ O júri do *Jornal dos Sports* foi formado pelo sociólogo José Gilberto Caldas, o médico Mauro Pompeu, a líder feminista Hildete Pereira, o museólogo e “intelectual desportista” Clovis Bornay, o cantor Silvio Cesar, o ex-jogador Danilo (que atuou na Seleção Brasileira), o professor de Educação Física Robson Prado, a educadora Letícia Alencar e a jogadora do Bangu Maria Luisa da Silva, a Fia (*Jornal dos Sports*, 20/04/1983).

data de nascimento, gostos e hábitos. Além de conhecidos jogadores como Vladimir, do Corinthians e Adílio, do Flamengo, a coluna reservou espaço para a publicação dos perfis de Elza Firmino Nogueira, a Elzinha, jogadora do Bangu (*Jornal dos Sports*, 06/09/1983) e Maria Helena da Cunha Gomes, a Heleninha do Radar (*Jornal dos Sports*, 02/09/1983).

É de se destacar novamente que é possível levantarmos a hipótese que a atenção dada ao futebol feminino possui relação com as reivindicações de maior liberdade para a mulher decidir sobre o que fazer com o próprio corpo (SOIHET, 2012)¹¹. Liberdade que muitas vezes mostrava um caráter ambíguo, pois que calcadas ainda em padrões normativos de performance de gênero da mulher no qual sexualidade e corporeidade precisavam estar em perfeita harmonia (BUTLER, 2002). No Brasil, na metade dos anos de 1970 e início dos de 1980 é destaque na produção jornalística e da propaganda o incentivo aos exercícios físicos combinado com o discurso que criticava os males provocados pela vida urbana. No Brasil, a publicidade e a ciência fundamentaram a relação direta entre autoestima da mulher e a responsabilidade dos cuidados sobre o próprio corpo (SANT'ANNA, 2012). A imprensa apregoava a importância de se frequentar academias, assim como andar bicicletas ao ar livre, frequentar as praias e outros espaços de lazer em que o corpo pudesse ser colocado em movimento.

Considerações finais

Um dos aspectos que caracteriza o futebol de mulheres é o fato de ter conseguido se desenvolver e mesmo ter sobrevivido mesmo que à margem do profissionalismo, da legitimação da FIFA e, até mesmo, da legalidade como foi o caso do Brasil, onde a modalidade foi proibida em 1941. Se o futebol de mulheres, nos últimos cinco anos, tem se mostrado um esporte promissor, mesmo com todos os problemas que o cercam, é possível afirmarmos que, em grande medida, isso se deve ao esforço individual e coletivo de indivíduos que buscaram fortalecer a modalidade no país, abrindo caminhos para a participação das mulheres no esporte mais popular do país. Foi sob proibição e não-reconhecimento por parte das federações que o futebol feminino caminhou por décadas, com dificuldade, mas sendo capaz de lotar estádios e mobilizar atos coletivos de resistência, sobretudo, nos anos de 1970 e 1980.

¹¹ Aqui é importante mencionar a reivindicação por parte de mulheres negras para que o movimento feminista atentasse para questões relativas à classe e raça. Ver Gonzalez, Lélia. *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos*, 2020. Rio Janeiro: Zahar.

Embora houvesse por parte da imprensa incentivo à modalidade, esse fato não excluiu a coexistência de conteúdos estereotipados. Nesse sentido, chama a atenção algumas charges de Agner nas quais a mulher era representada em um campo de futebol, a partir de um corpo com contornos exagerados nas cadeiras, nos seios, assim como enfatizando-se o uso de maquiagem, bijuterias, roupas apertadas aparecendo o umbigo e, até mesmo, bobs na cabeça. A necessidade de se anexar atributos considerados como tipicamente femininos – às vezes com exageros – também gerou matérias que recorriam a lugares comuns da beleza e fragilidade da mulher. Esse é o caso da matéria "Onde os dribles e gols tem mais graça" de autoria da jornalista Elizabeth Orsini que comenta que "Leves, graciosas, bem distantes da fama de masculinizadas que as persegue (...) elas sabem como poucos os segredos de um drible ou de um passe. São as jogadoras cariocas de futebol (...) (*Jornal do Brasil*, 23/12/1983, Caderno B, p. 8). Esse tipo de abordagem se tornará mais constante na década de 1990 (COSTA, 2014), porém nos anos de 1970 e 1980, é notável um movimento de apoio à modalidade, o que se relaciona diretamente a diversas outras reivindicações por maior igualdade de tratamento entre homens e mulheres (JANSSON, 1998).

Sobretudo nos últimos cinco anos, o futebol das mulheres tem cada vez mais se tornado presentes no discurso da mídia. É de se destacar que pela primeira vez, a Copa do Mundo de futebol Feminino foi transmitido pela Rede Globo de televisão. A despeito do atraso, esse fato é significativo, pois aponta para conquistas obtidas – e outras que poderão vir - pelas mulheres no universo do futebol no Brasil e no mundo. O modo pelo qual têm sido e foram representadas pela mídia esportiva forma um campo profícuo de investigação acadêmica. No caso deste projeto as atenções serão voltadas para o pouco estudado período que vai de 1970 a 1983. É nesse período que se conforma um importante contexto de lutas em prol da igualdade de direitos entre homens e mulheres e o futebol se insere nessa dinâmica reivindicatória, o que se faz notar, sobretudo, fora do Brasil, mas cujos ecos chegam até nós. É nesse período que mulheres que jogam bola são alvo de atenção da imprensa.

Referências

ALMEIDA, Caroline Soares. **"Boas de Bola": Um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980.** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2013.

BONFIM, Aira. **Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos**: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941). Mestrado em História, política e bens culturais, 2019.

BRHUNS, Heloisa Turini. **Futebol, carnaval e capoeira**: Entre as gingas do corpo brasileiro. São Paulo: 2000.

BUTLER, Judith. Críticamente subversiva. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. **Sexualidades transgresoras**. Una antología de estudios queer. Barcelona: Icària editorial, 2002

COSTA, Leda. A vanguarda do futebol das mulheres: arte e história. **ContrAtaque**, SP. Dolores Editora, 2020

COSTA, Leda. O Futebol feminino nas décadas de 1940 a 1980. **Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, n.13, 2017, p.493-507.

COSTA, Leda. O impulso globalizante e desobediente do futebol feminino. In: LOURENÇO, Marco. ANDREUCCI, R. FIGOLS, V.L. **Uma década de ludopédio**. Dez textos da história da arquibancada. SP: Editora Ludopedio, 2020.

COSTA, Leda. Beauty, effort and talent: a brief history of Brazilian women's soccer in press discourse. **Soccer and Society**, 15(1), pp. 81-92, 2014.

HELAL, Ronaldo. Cultura e Idolatria: ilusão, consumo e fantasia. ROCHA, Everardo (Org.). **Cultura e Imaginário**. 1 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1998

JANSSON, Maria Adolfin. Aproximaciones al tema del fútbol femenino y los límites a tener cuenta para una interpretación sociológica. In: ALABARCES, Pablo (Ed.). **Deporte y Sociedad**. Buenos Aires: Eudeba, 1998

NEVEU, Érik. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Loyola, 2006.

RIAL, Carmen. El invisible (y victorioso) fútbol practicado por mujeres en Brasil. **Nueva Sociedad**, no 248, noviembre-diciembre de 2013.

SOIHET, Rachel. A conquista do espaço público. In: PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Joana Maria (Orgs). **Nova história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012.

VELHO, Gilberto. Os mundos de Copacabana. In: VELHO, Gilberto (Org.). **Antropologia Urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.